

LITERATURA INFANTIL SURDA: OS PRIMEIROS PASSOS DE UMA NOVA ERA

Marina Izar VERNIANO⁴⁰

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar algumas obras de literatura infantil surda, que compreendem um complexo sistema no qual são produzidos materiais bilíngues que contêm a cultura surda e ilustrações representativas, e que não se resumem à contação de histórias em língua de sinais, como por vezes se imagina. Com base nisso, será defendida a importância da literatura infantil na vida cotidiana, na formação social e no desenvolvimento cognitivo da criança.

PALAVRAS-CHAVE: Libras; Literatura surda; Educação bilíngue; Crianças surdas; Literatura infantil.

1. Introdução

A literatura é um termo antigo que passou por diversas modificações com o passar dos séculos e as discussões acerca dela foram e ainda são as mesmas, afinal, o que é literatura? Segundo Antonio Candido (2004, p. 174), a literatura é composta por “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações”. A definição de Candido é ampla e, ao que parece, abrange todo tipo de produção literária. Aqui, entretanto, não entraremos nas discussões acerca do termo “literatura”, nós tomaremos a definição de Candido como base e falaremos sobre a literatura infantil, mais especificamente, sobre a literatura infantil surda. E o que seria isso? Será que ela entra na definição dada por Candido?

De acordo com Lodenir Karnopp (2006, p. 102), “Literatura surda é a produção de textos literários em sinais, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, possibilitando outras representações de surdos, considerando-os como um grupo linguístico e cultural diferente.”. Então, sim, literatura surda se encaixa na

⁴⁰ Discente do curso de Letras Português/Francês na Universidade Federal de São Paulo.

definição de Candido, afinal, ela se refere a uma cultura específica: a cultura surda. Entretanto, não podemos dizer que “literatura surda” é tão antiga quanto o termo “literatura”. Apesar de sempre existir em meio à cultura surda, a literatura surda começou a ser registrada nas últimas décadas e a maior parte desses registros tem se voltado ao público infantil, e é sobre eles que falaremos aqui.

Para falar de histórias infantis é necessário falar sobre os meios necessários para as produções delas. Meios estes que são deixados de lado nas produções literárias voltadas ao público adulto. Em primeiro lugar é preciso saber que alguns livros infantis são de dupla destinação: as histórias são escritas para os leitores e os receptores delas, afinal, as crianças têm acesso a histórias antes mesmo de serem alfabetizadas. Em segundo, as ilustrações; elas são comuns em livros infantis para crianças ouvintes, mas são essenciais para crianças surdas, pois têm papel fundamental no entendimento das histórias, e isso acontece porque as imagens são representativas e não meras ilustrações. Por fim, em terceiro lugar, é preciso levar em consideração a quantidade de texto das obras e as formas como esse texto será escrito; para isso é necessário saber a qual idade esse livro se destina e qual é a proposta do autor com cada obra. Existem diversas obras na literatura que se enquadram nestas características e poderíamos dizer que foram bem-sucedidas. Em contrapartida, existem muitas que deixaram a desejar e que, não só não alcançaram o público surdo, como também trataram a surdez como doença – exemplos estes que não são considerados literatura surda, segundo Karnopp. Falaremos aqui sobre esses dois lados e quais impactos ambos tiveram para a construção da história da literatura infantil surda.

Hoje, as produções literárias surdas são escassas, ora por ausência de conteúdo, ora por falta de divulgação e acesso a elas. A literatura é essencial para a formação do homem e é conteúdo obrigatório nas escolas desde a educação infantil, e isso acontece porque ela faz parte do desenvolvimento cognitivo da criança – a escassez desse tipo de material acarreta uma série de problemas na formação escolar e subjetiva da criança surda, o que também será falado aqui. O presente artigo fará um apanhado histórico das produções literárias surdas

produzidas até então e, a partir disso, analisará algumas obras já existentes nesse campo. Além disso, abordará os impactos que a ausência da literatura pode causar no desenvolvimento da criança surda e de que maneira ela pode entrar em seu cotidiano, com o objetivo de incentivar as produções literárias neste campo e alertar a população sobre a importância da literatura para o desenvolvimento infantil.

2. Cultura surda e hibridismo cultural

Antes de qualquer coisa precisamos entender o que é a cultura surda e qual o seu papel na literatura. A definição dada por Karnopp acerca do tema afirma que eles são um grupo cultural diferente. As discussões sobre esse tema são constantes e muitos teóricos não conseguem entrar em um consenso quanto a isso. Segundo Burke (2003), a cultura surda beira o “hibridismo cultural”, o que significa que todas elas se misturam e que nenhuma delas é única e pura. Para entendermos melhor isso, vejamos o que Karnopp, Klein e Lunardi-Lazzarin (2013, p. 19) falam a respeito:

Afirmarmos que os surdos brasileiros são membros de uma cultura surda não significa que todas as pessoas surdas no mundo compartilhem a mesma cultura simplesmente porque elas não ouvem. Os surdos brasileiros são membros da cultura surda brasileira da mesma forma que os surdos americanos são membros da cultura surda norte-americana. Esses grupos usam línguas de sinais diferentes e possuem diferentes experiências de vida; no entanto, independentemente do local onde vivem, um dos fatores que os identifica é a experiência visual. (...) Experiência visual está relacionada com a cultura surda, representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar e de conhecer o mundo.

Aqui fica claro que as culturas surdas se cruzam e isso vai além das experiências visuais. Toda cultura surda está inserida em um mundo ouvinte, o que faz com que elas vivam em um ambiente bilíngue necessário para a comunicação com o mundo ouvinte. Em contrapartida, as línguas de sinais são únicas e estão inseridas em sociedades únicas, fazendo com que cada uma tenha a sua própria cultura. O fato é que apesar de características próprias elas se misturam.

Segundo Cláudia Bisol e Carla Valentini (2011, p. 1), “A expressão Cultura Surda, portanto, descreve as crenças, comportamentos, entretenimento, tradições literárias, arte, história, valores e instituições compartilhadas por aqueles que utilizam a língua de sinais como sua forma de comunicação.”. E isso pode se manifestar de maneiras distintas em cada comunidade surda, e é o que acontece nas produções literárias. De acordo com Karnopp, Klein e Lunardi-Lazzarin (2013, p. 21):

(...) as produções culturais de pessoas surdas envolvem, em geral, o uso de uma língua de sinais, o pertencimento a uma comunidade surda e o contato com pessoas ouvintes, sendo que esse contato linguístico e cultural pode proporcionar uma experiência bilíngue a essa comunidade. Nesse sentido, além da escrita da língua de sinais, a escrita da língua portuguesa também faz parte do mundo surdo, indispensável aos surdos brasileiros para escolarização, a defesa dos seus interesses e cidadania.

Os apontamentos dados por eles falam especificamente de produções literárias de surdos, mas isso não exclui as produções literárias ouvintes nessa área. Além disso, eles mencionam características comuns nas diferentes comunidades surdas que podem se manifestar na literatura. É notório que os autores observam a presença da língua portuguesa nas obras, e isso não se dá apenas como forma de registro, mas também como parte da cultura surda que vive em uma sociedade bilíngue. Os autores ainda afirmam que “(...) mas esse registro, por si só, não é necessariamente um fator contrário, já que se pode pensar na escrita como a busca por tradução das raízes culturais.” (KARNOPP et. al., 2013, p. 21). É clara a definição de cultura surda e de que maneira essa deve estar presente na literatura.

3. A Breve História da Literatura Infantil Surda

Tema recente, a literatura infantil surda vem, gradativamente, conquistando o seu espaço e aprimorando a sua forma, conteúdo e meios de produção. De acordo com Águida Gava (2015, 61-62),

Os primeiros esboços literários destinados à comunidade surda surgem timidamente e são passados de modo visual, sem registros escritos, e os gêneros preferidos eram as anedotas, piadas e histórias que retratam as questões de comunicação e aceitabilidade do surdo junto à sociedade ouvinte. Com o advento da tecnologia, de filmadoras, gravadores, e da possibilidade de impressão de textos e imagens, assim como escrita de sinais surge a Literatura Surda Contemporânea e um vasto leque de opções se abre para leitores e autores.

O que a autora chama de contemporâneo é, na verdade, o que nós temos observado nas últimas décadas: os registros de histórias voltadas ao público surdo infantil. Até então, as décadas de 80 e 90 foram marcadas pela escassez de produções literárias surdas voltadas ao público infantil, e a literatura acontecia apenas em conversas. Os únicos exemplos de livros para este público-alvo tinham uma visão clínica acerca da surdez tratando-a como um problema que precisaria ser curado. A partir dos anos 2000, houve uma explosão de produções literárias voltadas a esse público, o que acontece a partir do momento em que a infância é firmada como parte do desenvolvimento do homem e a literatura tem como papel principal educar e doutrinar estas crianças.

Atualmente, é consensual o entendimento de que tal literatura surgiu articulada com a emergência de uma concepção de infância como um período da vida em que os sujeitos necessitam de atenção, formação e educação dirigida pelos adultos. (...) Em outras palavras: colocar a literatura infantil a serviço de objetivos de informação e formação da infância tem sido prática corrente desde o seu surgimento e se concretiza sob formas diversas, que podem ir da doutrinação evidente e sem rodeios até a concretização de determinadas ideias e concepções através de tramas imaginativas e sedutoras. (SILVEIRA et. al., 2013, p. 191-192)

É claro para as autoras que o aumento de produções literárias infantis se deu por conta da afirmação da infância como parte de formação do homem e essas produções não são somente entretenimento para as crianças, mas também formação delas. Esse também é um dos motivos pelos quais existem muito mais livros infantis do que livros para o público adulto. Entretanto, mesmo com o aumento deste tipo

de produção, as obras voltadas às crianças surdas ainda assim tinham diversos problemas e foram produzidas em uma escala muito menor comparada à literatura voltada ao público ouvinte.

Os anos 2000 foram marcados por uma mescla de obras literárias que, ora valorizavam a surdez como característica do indivíduo, ora a tratavam como um problema. Livros como *A família sol, lá, si*⁴¹ ou *Óculos de ouvido*⁴² contam histórias de personagens surdos nascidos em famílias ouvintes que tentam “ouvintizar” estas crianças: há sempre a busca pela cura do problema e este problema é a surdez. Em contrapartida, há obras deste mesmo período como *O Feijãozinho Surdo*⁴³ que retratam a mesma situação: criança surda em meio a pais ouvintes, mas, desta vez, há a aceitação desta simples característica do Feijãozinho, ele é surdo. Se por um lado, é gratificante pensar que houve algumas produções literárias voltadas a esse público, por outro, é triste saber que a maior parte destas obras vê a surdez como um problema clínico e busca a cura desta tão indesejada “doença”. Além do conteúdo, é importante dizer que os dois primeiros livros foram escritos em língua portuguesa e *O Feijãozinho Surdo*, além da escrita em língua portuguesa, foi escrito em *SignWriting* e vem acompanhado de um DVD com a interpretação da história em LIBRAS.

Segundo Karnopp (2006, p. 102), “*SignWriting* é a forma de registro das línguas de sinais e raras são as obras literárias produzidas através dessa escrita.”, e ela ainda afirma que é raro encontrar obras na literatura brasileira que se utilizem desse tipo de escrita. O *SignWriting* foi criado em 1974 pela dançarina norte-americana Valerie Sutton e é um sistema de escrita que consegue expressar as configurações de mãos, movimentos, pontos de articulação, orientações da palma da mão, expressões faciais e até mesmo os classificadores em qualquer língua de sinais do mundo. Existem outras obras que foram escritas em *SignWriting* além da língua portuguesa e livros como estes talvez sejam o modelo ideal de produções literárias voltadas a esse público.

⁴¹ HONORA, M. *A família sol, lá, si*. São Paulo: Ciranda Cultura, 2011.

⁴² PAULA, L. S. B. *Óculos de ouvido*. São Paulo: Editora RHJ, 2009.

⁴³ KUCHENBECKER, L. G. *O Feijãozinho Surdo*. Canoas: Editora ULBRA, 2009.

As releituras de clássicos infantis como *Cinderela Surda*⁴⁴ e *Rapunzel Surda*⁴⁵ também foram escritas em *SignWriting* e língua portuguesa. Nestas obras, os autores se atentaram aos personagens que falam (personagens ouvintes) e àqueles que sinalizam (personagens surdos). Em quesitos de valorização da surdez como parte importante da identidade das personagens e da transmissão destas obras, os livros são acessíveis para que possam ser contados em língua de sinais, e são exemplos de livros bem-sucedidos na literatura surda, ou poderíamos dizer que esses são exemplos de literatura surda. Adaptações como essas são importantes para o público surdo que não tem acesso a histórias comuns, presentes no dia a dia de qualquer criança ouvinte.

Dois dos autores dessas releituras, Lodenir Karnopp e Fabiano Rosa, publicaram também *Patinho Surdo* e *Adão e Eva*, livros que abordam a cultura e a identidade surdas. A primeira história é uma releitura de *O Patinho Feio*, onde o patinho surdo só é aceito quando entra em contato com a família de patos surdos – o livro fala de preconceito e aceitação, remete à vida das crianças surdas que vivem em meio à cultura ouvinte. A segunda fala da origem do mundo, onde Adão e Eva só se comunicam em língua de sinais. Ambos os livros foram escritos apenas em língua portuguesa, mas os personagens se comunicam em língua de sinais e isso é visto através das ilustrações. Ao final dos livros, há um glossário sobre os sinais apresentados nas imagens.

Em 2010, a editora Ciranda Cultural lançou a Coleção: *Contos Clássicos em Libras*⁴⁶: são dez livros infantis de histórias clássicas (*Chapeuzinho Vermelho*, *O Patinho Feio*, *Pinóquio*, *Os Três Porquinhos*, *A Pequena Sereia*, *Cinderela*, *A Bela e a Fera*, *Branca de Neve* e *A Bela Adormecida*), todos eles vêm acompanhados de um CD/DVD, onde há a contação da história em língua de sinais, alguns jogos e cantigas – estas, porém, não vêm acompanhadas da interpretação em língua de sinais, há apenas os áudios delas, tornando-as inúteis ao público

⁴⁴ SILVEIRA, C. H.; KARNOPP, L.; ROSA, F. *Cinderela Surda*. Canoas: Editora ULBRA, 2003.

⁴⁵ SILVEIRA, C. H.; KARNOPP, L.; ROSA, F. *Rapunzel Surda*. Canoas: Editora ULBRA, 2003.

⁴⁶ HONORA, M.; FRIZANCO, M. L. E. *Coleção contos clássicos em libras*. São Paulo: Ciranda Cultura, 2010.

surdo. Quanto aos livros, eles são escritos em língua portuguesa e, abaixo do texto há desenhos de pessoas sinalizando, o que é outro problema, afinal, a “libras” que foi desenhada nesses livros não é nada além de português sinalizado, pois segue a gramática da língua portuguesa, não a da língua brasileira de sinais. Neste mesmo ano, a editora lançou uma coleção chamada *Pedacinho do Céu*⁴⁷, composta por seis livros e, assim como a coleção de clássicos, esta também vem acompanhada de CDs/DVDs e neles há um vídeo com a contação das histórias em língua de sinais e alguns jogos – todos os jogos são acompanhados de músicas e instruções em língua portuguesa na sua modalidade oral, não há nenhuma instrução em língua de sinais ou em modalidade escrita da língua portuguesa. Os livros desta coleção não possuem adaptações textuais, não há língua de sinais transcrita, tampouco *SignWriting*. Estes materiais são uma tentativa de literatura surda e, de algum modo, conseguem atingir o público infantil, mas não podemos dizer que essa seria a melhor forma de fazê-lo, até mesmo os DVDs com intérpretes em LIBRAS não são bem-sucedidos, uma vez que não possuem recursos para a contação dessas histórias e conseqüentemente não conseguem captar a atenção das crianças.

É possível encontrar também uma série de materiais pela editora Arara Azul. Ela foi vinculada ao MEC durante muitos anos e produziu diversos materiais em Língua de Sinais, desde histórias clássicas, livros de vestibular até o letramento em Língua Brasileira de Sinais. A maior parte desse material é em DVD e, diferente da editora Ciranda Cultural, os vídeos em língua de sinais possuem imagens e interações diferentes com o público, visando melhor entendimento das obras, mas falaremos mais sobre ela adiante.

Atualmente, as produções de obras infantis em papel para este público estão paradas. Não foram feitas reedições das obras já publicadas, tampouco reimpressões. *Feijãozinho Surdo*, por exemplo, está esgotado, inclusive na editora, e só pode ser comprado em lojas online de livros usados. Já as adaptações das obras clássicas, podem ser compradas diretamente na editora, mas não se encontram em lojas

⁴⁷ LENCINE, S. H. R. Coleção Pedacinho do céu. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

físicas e/ou online de nenhuma livraria. Segundo a editora, há previsão para reimpressão das obras em 2018. ULBRA também afirmou que a procura destes livros é grande, tanto na editora quanto em suas revendedoras, e que há ainda compradores destas obras no Uruguai⁴⁸. Para não dizer que não houve mais nada acerca deste tema, é possível encontrar na internet uma série de artigos que abordam a literatura surda e a literatura infantil surda, inclusive este que você está lendo, além de diversos canais na plataforma de compartilhamento de vídeos *YouTube* e outros sites que contêm histórias em língua de sinais, mas esse tipo de material não é o livro físico, e em meio à revolução tecnológica que estamos vivendo, é importante o contato das crianças com os livros. A história da literatura infantil surda é breve e parece estar estagnada nos seus primeiros passos, mas é consenso de todos que o futuro dela é promissor.

4. Tema recente?

Acabamos de ter contato com a pequena e inacabada história da literatura infantil surda, ou poderíamos dizer, com o começo dela. Mas por que ainda estamos no começo? É fato que a literatura infantil surda é um tema recente, afinal, suas primeiras produções foram realizadas nos anos 2000, mas e a surdez? A surdez é tema recente?

Se tomarmos como base a legislação e constituição brasileira, a surdez é tão recente quanto à literatura surda. A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) foi reconhecida como língua em 2002⁴⁹, o que significa que até então ela era considerada apenas um dialeto, dificultando o acesso dos surdos a todo e qualquer tipo de informação e a sua inclusão na sociedade. Com conquistas tardias, os surdos enfrentam ainda hoje a busca por um lugar na sociedade brasileira e, apesar de já terem alcançado muitas delas, ainda estão longe da integralização social de todos. Com a literatura isso não poderia ser diferente.

⁴⁸ Não existem produções literárias surdas no Uruguai, o que faz com que eles optem por comprar esse tipo de material no Brasil.

⁴⁹ Lei 10.436, publicada em abril de 2002.

O caminho dos surdos e da literatura surda é tortuoso. Tome-mos como exemplo a história da Cinderela. Uma história clássica e comum que as crianças ouvintes estão cansadas de saber, até porque já foram feitas dezenas de versões dessa mesma história, com diferentes ilustrações, de diferentes autores e diferentes editoras. Mas e os surdos? Se alguma dessas versões não foi contada a crianças surdas por meio da LIBRAS, podemos dizer que essas crianças tiveram o seu primeiro acesso ao conto em 2006, ano de publicação de *Cinderela Surda*.

Hoje, qualquer livraria física ou virtual possui setores de literatura infantil e, estes, são repletos de livros das maiores variedades. É possível encontrar diversas versões de uma mesma história, de diferentes editoras e diferentes autores. É ainda possível encontrar livros em outras línguas, geralmente em inglês ou espanhol – ir a livrarias, com certeza é diversão garantida às crianças ouvintes, pois às crianças surdas esse tipo de programa é inútil. É difícil encontrar livros para crianças surdas em livrarias físicas e virtuais: o material é escasso. São dois problemas que andam lado a lado e dificultam tanto a divulgação quanto o acesso a esse tipo de material: há pouca produção e difícil acesso.

É importante ressaltar aqui que não estamos menosprezando ou diminuindo as produções literárias neste campo, muito pelo contrário, todos os livros voltados a este público são uma conquista da cultura surda e são apenas o começo, inclusive aqueles que tratam a surdez como um problema clínico. As publicações dos anos 2000 foram e são essenciais para a história surda, elas são o marco inicial da era literária no mundo surdo e cabe a nós, aqui, não só apresentá-las e reconhecê-las, mas problematizar a escassez delas e as maneiras pelas quais elas foram pensadas e escritas, a fim de que esse mercado cresça e de que essas produções melhorem. É evidente que essa escassez é fruto do tardio reconhecimento dos surdos como cidadãos incluídos na sociedade, mas é preciso lembrar que essa escassez existe, para que não deixemos a literatura infantil surda de lado e que possamos contribuir para o crescimento tão promissor dessa área. Queremos aqui, ressaltar a importância da literatura e alertar a todos

que se interessam por essa área, que ela precisa crescer.

5. Literatura e desenvolvimento cognitivo

O cérebro humano é formado por duas metades e cada uma delas tem determinadas funções no funcionamento do nosso corpo e mente. O hemisfério direito do cérebro é intuitivo e responsável pelo desenvolvimento da interpretação e subjetividade dos seres humanos. Isso significa que, se alguém tem dificuldades para entender algum texto, conversa ou até mesmo uma ironia, essa pessoa provavelmente não tem a sua interpretação e subjetividade desenvolvidas corretamente. Segundo o psicólogo russo Lev Vygotsky (2007, p. 103), o “aprendizado adequadamente organizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros”, ou seja, o desenvolvimento da criança só acontece se ela estiver em contato com o meio em que vive e esse desenvolvimento também dependerá deste meio. Se pensarmos em aquisição de língua, então, uma criança só aprenderá a falar ou sinalizar se for exposta à língua, caso contrário, isso não ocorrerá. Para a literatura, o raciocínio não é diferente.

A partir disso, surge a concepção de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que segundo o autor “é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes” (VYGOSTKY, 2007, P. 97), ou seja, os processos cognitivos da criança serão modificados de acordo com as vivências delas, que se referem ao contato com “companheiros mais capazes”, em outras palavras, aqueles que são mais desenvolvidos cognitivamente. Tomemos como base um simples exemplo: o ingresso de uma criança na escola – o contato com outras crianças, com professores e as novas vivências dentro da sala de aula, no parque, etc. mostram o desenvolvimento dessa criança que é certamente diferente do desenvolvimento de uma

criança que demora a entrar na escola. Mas onde a literatura se encaixa nisso?

Ora, a literatura não é conteúdo obrigatório nas escolas à toa. Segundo o psicanalista Bruno Bettelheim (1980), a literatura é capaz de desenvolver o potencial crítico e reflexivo da criança, o que significa que, sem ela, esses futuros adultos podem se tornar incapazes de formar opinião sobre as situações de mundo. As histórias estimulam a imaginação, transportam as crianças a outros mundos, fazem com que elas criem, interpretem e inventem. Privar as crianças desse tipo de estímulo é impossibilitá-las de desenvolver a interpretação e a subjetividade: a falta de contato com a literatura causará problemas permanentes na criança. Além disso, sabe-se que o contato precoce com os livros, inclusive nas fases de pré-leitores, desperta maior interesse na leitura pela criança, facilitando sua formação escolar e acadêmica.

6. Literatura e alfabetização em língua portuguesa

Um dos maiores impasses no mundo surdo é a alfabetização em língua portuguesa. Segundo a legislação, eles devem aprender a forma escrita da língua portuguesa e, para isso, enfrentam uma série de dificuldades. Acabamos de ver a importância dos livros na formação das crianças e, inclusive, os impactos que esse contato pode gerar no futuro delas. Seria possível, então, que esse tipo de contato facilitasse a alfabetização das crianças surdas?

De acordo com Josiane Maia (2007), é fundamental que as crianças vivenciem atos de leitura antes mesmo de saberem decodificar a língua escrita, o que significa que uma criança não precisa saber ler e escrever para aproveitar a contação de uma história ou até mesmo para folhear e se entreter com um livro. Essa afirmação não se refere apenas às experiências que a criança pode viver com histórias infantis, mas também com o primeiro contato com a língua em sua forma escrita. O contato precoce da criança com a língua portuguesa torna a alfabetização um processo natural e todos aqueles códigos a serem decodificados deixam de ser estranhos a ela.

Com a criança surda não seria diferente. Quanto mais cedo uma

criança for exposta à língua de sinais, mais rápido ela terá fluência nisso. Quanto mais cedo uma criança for exposta a textos em língua portuguesa, mais cedo ela terá familiaridade com ela e no momento de oficializar e firmar esse aprendizado, ela provavelmente não irá enfrentar tantas dificuldades. Evidentemente, os livros devem ser feitos em versões bilíngues e não somente na língua portuguesa, mas falaremos mais sobre isso adiante. Em 2016, a editora Panda Books publicou um livro chamado *ABC em LIBRAS*⁵⁰. Nele, as crianças têm contato com as letras da língua portuguesa em suas diferentes grafias (maiúscula, minúscula, cursiva e de forma), com palavras que se iniciam com a letra do alfabeto ensinada, imagem desta palavra, sinal e datilologia. Esse tipo de material é um exemplo de material bilíngue e pode ser mostrado às crianças na fase de alfabetização, facilitando o entendimento delas quanto ao assunto. É importante dizer que não estamos afirmando que o contato com a literatura irá resolver as dificuldades nos processos de alfabetização dos surdos. O que acontece é que o contato com o texto na infância, não irá tornar aquilo algo estranho a elas, tornando o processo mais natural e fácil.

7. Literatura Ouvinte VS. Literatura Surda: é só adaptar?

As crianças buscam espelhos e inspirações em tudo o que veem e a representatividade é essencial para a formação delas. Falemos novamente sobre a tradicional história da Cinderela. Teremos uma princesa ouvinte, em um cenário de cultura ouvinte. Como uma criança surda se sentiria ao ter contato com uma história em que ela não pode se identificar? Além disso, os milhares de livros que contam a história da princesa são destinados ao público ouvinte, ou seja, podem possuir grande quantidade de texto escrito em língua portuguesa e ilustrações não representativas. É ainda importante observar que mesmo aqueles que possuem pouco texto e ilustrações representativas, continuam sem ser destinados ao público surdo pela falta de conteúdo e de meios para que essas histórias sejam contadas.

⁵⁰ REIS, B. A. C.; SEGALA, S. R. *ABC em LIBRAS*. São Paulo: Panda Books, 2016.
MOSAICO, SJ RIO PRETO, v. 17, n. 1, p. 51-68

Diferentemente deste tipo de produção, o livro *Cinderela Surda* conta uma história longa – é uma possível tentativa de contarem uma versão mais completa da história da Cinderela, afinal, a maioria das crianças surdas nunca teve acesso a ela – e, por ser um livro voltado ao público surdo, é composto de uma página de ilustração e uma página de texto, que é escrito em língua portuguesa e *SignWriting*, além das falas das personagens surdas serem transcritas em língua de sinais. Essa variedade na escrita visa a dupla destinação das obras infantis, permitindo que a história seja contada por um adulto surdo dominante da língua portuguesa, ou um adulto surdo sem o domínio da mesma. Além disso, futuramente, a criança surda poderá ler obra sem o auxílio de um adulto, tendo ela o domínio de *SignWriting* ou da Língua Portuguesa.

Cinderela Surda vai além da eficaz dupla destinação em que foi escrita. As personagens principais do livro são surdas e aprenderam a Língua Francesa de Sinais, pois a história se passa na França. O enredo é completo e detalhista, diferente de algumas adaptações da obra ao público ouvinte. As modificações na história acontecem com o intuito de incluir a cultura surda na tradicional história da Cinderela. Não é à toa que, ao final, a princesa não perde o sapatinho de cristal, mas perde uma de suas luvas – fator relevante para a cultura surda que utiliza as mãos como forma de comunicação.

Quanto às ilustrações, podemos dizer que os livros de cultura ouvinte são apenas ilustrados, os desenhos são instrumentos utilizados pelos autores para prender a atenção das crianças, geralmente com cores chamativas e traços simples. As ilustrações de *Cinderela Surda*, e de todos os livros infantis voltados a crianças surdas não possuem necessariamente cores vivas, ou traços simples. Elas são detalhistas a fim de captar todas as informações que o ambiente pode trazer. Os surdos são “visuais”, captam as informações pelo olhar e, por se utilizarem de uma língua visual-gestual para a comunicação, são mais atentos que os ouvintes. Dessa forma, desenhos simples e com cores vivas não seriam suficientes para o entendimento das histórias pelos surdos. As expressões faciais das personagens são essenciais para a compreensão da história e, por esse motivo, não há nenhum

momento em que a expressão facial de Cinderela, ou de qualquer outra personagem, se repita. Há diversos pontos da história em que ela está triste e, em cada um deles, dependendo de seu nível de tristeza, a sua expressão é diferente nas ilustrações. Há ainda desenhos em que as personagens estão se comunicando em língua de sinais. Ora, as ilustrações das histórias para crianças surdas não são instrumentos, elas são utilizadas como parte da contação e da representação destas crianças.

Esta obra, assim como algumas outras, deixa clara a diferença entre literatura surda e literatura ouvinte, pois ela não visa apenas a acessibilidade da história, ou seja, a contação dela em língua de sinais, ela visa a inclusão de cultura surda no enredo e não só isso, mas a valorização do visual, dando prioridade às ilustrações, ponto importante para os surdos. *Cinderela Surda* nos dá diversas características que não encontramos em outros livros e talvez, estas sejam as características necessárias para escrever um livro para uma criança surda. É errado pensar que a literatura surda se resume à contação de histórias em língua de sinais. Ela é uma produção complexa, que visa a produção de materiais bilíngues e ilustrações representativas que possam oferecer conteúdos para a aquisição de conceitos fundamentais ao desenvolvimento cognitivo e raciocínio lógico e subjetivo da criança. Pensar no público-leitor é um bom começo para melhorar esses tipos de produções literárias.

8. Conteúdo inovador?

Na seção *A breve história da Literatura Infantil Surda* foram mencionados alguns títulos de obras originais neste campo e falaremos um pouco mais sobre eles agora. As produções literárias voltadas ao público infantil podem ser adaptações de obras clássicas, como a história da Cinderela e da *Cinderela Surda*, usadas de exemplo na seção anterior, ou obras originais, escritas por autores que buscam inovar, educar, ensinar e entreter as crianças. Os temas abordados em obras originais são diversos e podem variar de acordo com a faixa etária ao qual se destinam e, principalmente, de acordo com o propósito do

autor.

Lembram-se da tal variedade de obras para crianças ouvintes? Pois bem, essa variedade existe de acordo com os diferentes setores que são criados dentro da própria literatura. Assim como nós, adultos, podemos buscar livros na seção de história, linguística, economia, etc., as crianças podem buscar livros nas seções voltadas a elas, como contos clássicos, aprendizado de um novo idioma, livros interativos, apresentação de conceitos, etc. O leque é grande e as produções também. Será que as crianças surdas também poderiam procurar por essa grande variedade de obras? Já vimos que não, simplesmente porque elas não existem.

O conteúdo principal dos livros infantis voltados a crianças surdas é a informatização e a formação. Todos eles, além do entretenimento, buscam informar os seus leitores sobre a surdez e formá-los acerca disso. O livro *Patinho Surdo*, por exemplo, não existe apenas para colocar a criança surda em contato com histórias clássicas da cultura ouvinte, mas também para falar do preconceito, da falta de aceitação dos ouvintes perante os surdos, além de mostrar à criança surda o porquê da utilização da língua de sinais. E isso se aplica a todos os livros voltados a este público, inclusive àqueles que tratam a surdez como um problema. *Óculos de ouvido* aborda os possíveis tratamentos para a surdez e a relação de uma criança surda com os seus pais ouvintes, tudo isso, muito antes de entreter, informa.

É evidente que informar e formar as pessoas acerca da surdez é de extrema importância, afinal, já vimos que o assunto é recente. O fato é que faltam outros tipos de livros para as crianças surdas. Muitas editoras voltadas ao público infantil possuem obras com a temática “minhas primeiras palavras”, que dizem respeito a obras simples que tem como intuito ensinar algumas palavrinhas na L1 destas crianças e existem livros de diversos temas, como animais, partes da casa, mobília, entre outros. Por que não fazer esse tipo de obra para as crianças surdas? Não seria interessante uma série de livros com os “meus primeiros sinais”? E os números? Vimos que em 2016, a editora Panda Books publicou o livro *ABC em LIBRAS*, seria interessante que fossem publicados mais livros desse tipo.

Existem livros interativos, com quebra-cabeças, percepções táteis, pop-up, etc. na literatura infantil. É necessário pensar na produção desse tipo de material para as crianças surdas, pois eles proporcionam diferentes sensações e estímulos. Caímos aqui no impasse de que essas obras já existem e que podem ser contadas em língua de sinais, mas já sabemos que a contação de histórias em LIBRAS não é literatura surda e é preciso produzir materiais específicos para esse público. Talvez seja melhor pensar em produções originais, em vez de adaptações literárias.

9. Geração tecnológica

Mencionamos que existem alguns canais no *youtube* e sites que contam histórias em língua de sinais. Mencionamos também que eles não se comparam aos livros. Vamos discorrer um pouco mais acerca desse tema nesta seção. É evidente que a publicação de livros exige um investimento financeiro e, se pensarmos em materiais táteis, pop-up, ou de entretenimento além do papel, o investimento é ainda maior. Publicar livros não é barato e produzir materiais de qualidade demanda tempo e dinheiro.

Felizmente, nos dias de hoje, estamos inseridos em uma sociedade tecnológica, onde podemos encontrar tudo na internet com facilidade, inclusive, entretenimento para crianças surdas. Existem diversos canais no *youtube* que ensinam língua de sinais, por exemplo, para surdos e ouvintes. Existem também canais de contação de histórias em língua de sinais, e a variedade é grande. Alguns em versões bilíngues, libras e língua portuguesa na modalidade escrita ou oral, outros, em versões monolíngues, onde apenas a língua de sinais é utilizada. O que mais os difere não é a maneira como a história é contada, mas a presença de livros, imagens, fantoches e interações nos vídeos. O canal *Mãos Aventureiras*, por exemplo, foi criado pela professora Carolina Hessel; os vídeos são apenas em LIBRAS, onde ela conta as histórias e mostra as ilustrações dos livros. Em geral, os livros utilizados por ela são da literatura ouvinte, alguns famosos e corriqueiros, outros diferentes e desconhecidos pela maior parte do

público infantil. Outro canal famoso é o *TV CES*⁵¹: a especialidade do canal não é a contação de histórias, mas os vídeos de histórias possuem um intérprete em libras e ilustrações no fundo da tela, enquanto o intérprete conta a história. Os contos clássicos são o maior conteúdo abordado pelo canal.

Além desse tipo de material, existem canais que contam histórias em português sinalizado e ainda alguns que não possuem sequer o livro ou ilustrações para a narração, assim como os DVDs gravados pela editora Ciranda Cultural. Alguns dos contadores não possuem expressões faciais e não interpretam a contação de maneira eficaz, tornando as histórias chatas e sem sentido às crianças surdas. Nos vídeos de *Mãos Aventureiras* e *TV CES*, os contadores interpretam os personagens das histórias e as tornam interessantes para as crianças. Nenhuma criança se interessaria por uma pessoa sinalizando por 4 minutos em um fundo branco, da mesma forma que uma criança ouvinte não se interessaria por uma pessoa falando por 4 minutos neste mesmo fundo.

A editora Arara Azul mencionada anteriormente se insere nessa nova geração. Todo material produzido por ela vem acompanhado de DVDs com intérpretes em LIBRAS e a interpretação acontece com ilustrações e fundos interativos – isso prende a atenção da criança e promove o entendimento real do conteúdo. É interessante que além da produção de diversos contos infantis, a editora também possui adaptações de obras clássicas de Machado de Assis e Aluísio Azevedo, por exemplo.

Todo esse material faz parte da formação da literatura infantil surda e é uma maneira mais fácil e de baixo custo para promover entretenimento e conhecimento a essas crianças, mas não podemos dizer que ele é suficiente. O contato direto com os livros é fundamental no desenvolvimento da criança, e mesmo que ela tenha acesso a histórias infantis por esses canais, é ainda necessário que ela tenha acesso a livros e a contações de histórias presenciais, e esses livros devem ser feitos e pensados especificamente a elas.

⁵¹ TV do Centro Educação para Surdos Rio Branco.
MOSAICO, SJ RIO PRETO, v. 17, n. 1, p. 251-272

10. Produção, contação e leitura

Nas últimas décadas, as produções literárias voltadas ao público surdo passaram por diversas modificações e foram produzidas de diversas maneiras. É difícil saber qual delas seria a melhor forma de literatura para as crianças e existem diversas discussões acerca disso. Para encontrar a melhor resposta é preciso pensar no público-leitor e ele não é único. Apesar desse tipo de material se destinar ao público surdo, existem crianças de várias idades, com diferentes interesses e necessidades e é nisso que precisamos pensar na hora de produzir esse tipo de material.

O ambiente dos surdos é bilíngue por natureza: são surdos em meio à sociedade ouvinte. Dessa forma, a melhor maneira de se escrever os livros é em versões bilíngues: língua portuguesa e *SignWriting*. Esse modelo deve ser seguido para crianças pré-leitoras, em fase de aquisição da língua portuguesa e leitores fluentes. As diferenças seriam na dificuldade da língua: as obras voltadas a crianças pré-leitoras podem ter um nível de dificuldade de leitura alto, pois as crianças serão as receptoras das histórias; em fase de aquisição da língua portuguesa, o ideal é que a linguagem utilizada seja fácil e coloquial, a fim de que as crianças tentem e consigam ler as obras sozinhas; às crianças fluentes em língua portuguesa, a linguagem pode ser mais elaborada e difícil, respeitando a idade e maturidade leitora delas. O *SignWriting* deverá estar sempre presente para facilitar o entendimento do texto e até mesmo para que as crianças com pouca fluência na língua portuguesa, possam ter o contato direto com o livro. É importante apontar aqui que a língua portuguesa na modalidade escrita será sempre a segunda língua do surdo e por isso, o modelo bilíngue é o ideal. Além disso, é válido que os livros venham acompanhados de DVDs com a interpretação das histórias em LIBRAS, mas esse tipo de material deve ser pensado e produzido com cautela, a fim de que conte a história de maneira eficaz e que capte a atenção da criança surda.

Quanto ao conteúdo das obras, eles podem ser diversos, mas

com algumas condições. É preciso encarar a surdez como parte do indivíduo, não como um problema estranho à sociedade. Espera-se que existam adaptações de clássicos em modelos bilíngues e clássicos recontados com a inclusão de personagens surdos. Espera-se também que sejam produzidos textos originais que englobem a cultura e a identidade surda. Além de materiais educativos e interativos em língua de sinais. Também será fundamental pensar nas idades a que esses livros se destinarão e quais os objetivos dos autores com essas obras: informar, formar ou apenas entreter.

As ilustrações devem ser presença obrigatória nos livros voltados ao público surdo, tanto àqueles destinados a crianças que não sabem ler, quanto àquelas que já sabem. Isso deve acontecer porque o visual faz parte da identidade surda em qualquer idade. Também é preciso ter cuidado com isso, elas devem ser representativas e detalhistas. Esse modelo de livro proporciona o contato da criança com a literatura de duas maneiras: como interlocutora e receptora das histórias – fazendo, assim, a literatura cumprir o seu papel.

Considerações finais

Tal como a Língua Brasileira de Sinais, a literatura infantil surda é recente e é repleta de problemas e dificuldades. Entretanto, ela foi marcada por obras bem-sucedidas em questões de conteúdo e produções desses meios. Sabe-se que muito do que foi produzido não pode se encaixar nos conceitos de “literatura surda”, por tratar a surdez como falta de algo e não como parte do indivíduo surdo, mas não podemos negar que todas as produções literárias que abordam a surdez fizeram e fazem parte dessa pequena história. Se essas obras não tivessem sido produzidas, nós não teríamos, hoje, um modelo ideal e não ideal para a produção desse tipo de material.

Pode-se reafirmar agora que a literatura tem papel fundamental no desenvolvimento das crianças e a falta dela pode gerar problemas permanentes a esses futuros adultos. Assim, pode-se concluir que a melhor maneira de proporcionar isso a elas é através de versões bilíngues (*língua portuguesa e SignWriting*), ilustrações representativas

e conteúdo que “veja” a surdez como parte do indivíduo, onde haja valorização e aceitação da cultura surda. Quanto às produções midiáticas, em sites ou DVDs, elas são sempre bem-vindas e devem continuar acontecendo, uma vez que proporcionam além da contação em língua de sinais, imagens e vídeos interativos.

Por fim, é preciso que tenhamos em mente que a literatura infantil surda está só no começo. É preciso incentivar as pesquisas nessa área, tal como as produções literárias desse tipo. Precisamos de materiais com conteúdos originais, que ensinem, informem, formem e divirtam as crianças surdas. A simples contação de histórias infantis em língua sinais não basta.

VERNIANO, Marina. Literatura Infantil Surda: os primeiros passos de uma nova era. *Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 17, n. 1, p. 251-272, 2018.

DEAF CHILDREN’S LITERATURE: THE FIRST STEPS OF A NEW ERA

ABSTRACT: This paper aims to analyse some works of deaf children’s literature publications, which comprehends a complex system consisting of bilingual material that assimilates deaf culture and representative illustration, and that is not limited to mere storytelling in sign language. Based on that, this paper also validates the importance of children’s literature in the daily lives and in the social and cognitive development of children.

KEY-WORDS: Libras; Deaf Literature; Bilingual Education; Deaf Children; Juvenile Fiction.

Referências bibliográficas

BAHAN, Benjamin. Sentidos e cultura: explorando orientações sensoriais. In: MOURA, Maria Cecília; CAMPOS, Sandra Regina Leite; VERGAMINI, Sabine Antonialli Arena (orgs.). *Educação para surdos: práticas e perspectivas II*. São Paulo: Santos Editora, 2011.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BISOL, C. A.; VALENTINI, C. B. *Cultura surda*. Objeto de Aprendizagem Incluir – UCS/FAPERGS, 2011. Disponível em <http://www.grupoelri.com.br/Incluir/downloads/OA_SURDEZ_Cultura_Surda_Texto.pdf>. Acessado em 01/06/2018.

- BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.
- CANDIDO, Antonio. Direito à literatura. In: *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004. p. 169 - 191.
- GAVA, Águida Aparecida. *Breves considerações sobre a literatura surda*. Acta Semiotica et Linguística. V. 20, n. 2, Cuiabá, 2015.
- GUEDES, B. S. A língua de sinais na escola inclusiva: estratégias de normalização da comunidade surda. In: LOPES, Maura Corcini; HATTGE, Morgana Doênica (orgs.). *Inclusão escolar: conjunto de práticas que governam*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 33-49.
- HONORA, M. *Família sol, lá, si*. São Paulo: Ciranda Cultura, 2011.
- HONORA, M.; FRIZANCO, M. L. E. *Coleção contos clássicos em libras*. São Paulo: Ciranda Cultura, 2010.
- KARNOPP, Lodenir. *Literatura surda*. ETD Educação temática Digital, Campinas. V. 7, n. 2, p. 98-109, 2006.
- KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia (orgs.). *Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. Canoas: Editora ULBRA, 2013.
- KARNOPP, L.; ROSA, F. *Adão e Eva*. Canoas: Editora ULBRA, 2005.
- KARNOPP, L.; ROSA, F. *Patinho Surdo*. Canoas: Editora ULBRA, 2005.
- KUCHENBECKER, L. G. *O Feijãozinho Surdo*. Canoas: Editora ULBRA, 2009.
- MAIA, Joseane. *Literatura na formação de leitores e professores*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- MATHEUS, Gabriela Gonçalves. *A literatura infantil no processo de alfabetização e letramento: desafios e possibilidades*. Universidade Estadual de Maringá: Maringá, 2014.
- NICHOLS, Guilherme. *A literatura surda além da língua de sinais*. Campinas: UNICAMP, 2016.
- PAULA, L. S. B. *Óculos de ouvido*. São Paulo: Editora RHJ, 2009.
- PERLIN, Gladis T. T. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (orgs.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2016.
- REIS, B. A. C.; SEGALA, S. R. *ABC em LIBRAS*. São Paulo: Panda Books, 2016.
- RIBEIRO, Lady Daiane Martins; SILVA, Renata Limongi França Coelho; CARNEIRO, Ludmila Vangelista. Vygotsky e o desenvolvimento infantil. In: NEVES, A. F.; PETRUS, M. H. P.; ANJOS, H. R.; BERNARDO, J. L.; PIRES, M. G. G. (orgs.). *Estudos interdisciplinares e humanidades e letras*. Blucher: São Paulo, 2016. p. 393 - 409.
- SILVEIRA, C. H.; KARNOPP, L.; ROSA, F. *Cinderela Surda*. Canoas: Editora ULBRA, 2003.
- SILVEIRA, C. H.; KARNOPP, L.; ROSA, F. *Rapunzel Surda*. Canoas: Editora ULBRA, 2003.
- VYGOTSKY, L. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- VYGOTSKY. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.